

A oralidade no livro didático do Novo Ensino Médio: Práticas de Linguagens múltiplas vozes

Raquel Conceição dos Santos¹
Emanuelle Camila Moraes de Melo Albuquerque Lima²

Resumo

Nesta pesquisa, objetivamos analisar como é feita a abordagem da oralidade no livro didático do Novo Ensino Médio, selecionado de uma escola pública da cidade de Bom Conselho/Pernambuco. Assim, para a realização da pesquisa, selecionamos o livro didático da coleção “Práticas de linguagens: múltiplas vozes” de autoria de Melo (2020, *et al*) da editora Saraiva. Nossa pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de análise documental e descritiva. Nosso aporte teórico dá-se a partir de Marcuschi (1997, 2001, 2008), Dolz e Schneuwly (2004), Antunes (2003), entre outros. Em nossa análise, percebemos que os autores mencionam a importância do uso da oralidade na apresentação do livro, incluindo os objetivos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no entanto, no livro analisado, esse tratamento ainda está restrito a pequenas passagens, logo, não são discutidos os aspectos inerentes à oralidade, bem como as demais características da língua e sua variedade de registros.

Palavras-chave:

Livro didático; Novo Ensino Médio; Oralidade

Sobre os autores:

¹ Graduada em Letras: Português e Inglês pela Universidade Federal do Agreste de Pernambuco – UFAPE.

E-mail: raquielc.013@gmail.com. **ORCID:** <http://lattes.cnpq.br/0239499676204674>.

² É doutora em Linguística (UFAL- PPGLL) e professora adjunta no curso de Letras da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco.

Email: emanuelle.albuquerque@ufape.edu.br. **ORCID:** <http://lattes.cnpq.br/0470905904340465>.

INTRODUÇÃO

No Brasil, apesar de se ter ocorrido grandes mudanças na forma de ensino de língua portuguesa nas escolas públicas e particulares do país, e tenha-se surgido uma maior abertura para o tratamento da oralidade no livro didático, ainda se nota dificuldades na forma com a qual ainda é abordada em sala de aula. Além disso, é muito presente nos meios acadêmicos e da sociedade em geral, a forte noção de uso padrão da língua, com a justificativa e julgamentos da “forma correta” de se comunicar oralmente inculcada em um modelo culto e fixo de uma determinada região, como se esse fato fosse concebível em um país com uma grande extensão territorial e mesclado por diferentes culturas e povos.

No país, o ensino de língua materna ainda é muito utilizado como pretexto para a inclusão da norma padrão da língua. Diante disso, vê-se muitas passagens em que há frases soltas, fora de um contexto comunicacional com pretexto classificatório de palavras em alguns materiais didáticos. Com isso, essa forma de utilização da língua é prejudicial para a sociedade, pois desvaloriza a própria língua nessa tentativa de padronizar o seu uso, independente das formas de registro.

Outro fator comumente difundido tanto no meio escolar quanto no social, é a ideia de que a oralidade não precisa exercer um papel relevante no ensino da língua materna em sala de aula, com a justificativa de que as pessoas já sabem falar, e com isso, deve-se priorizar a escrita em detrimento da fala. No entanto, essa é uma alusão equivocada, pois traz uma desvalorização de todos os contextos sociais, culturais e linguísticos existentes no país.

Nesse sentido, quando a escola prioriza o ensino da norma padrão da língua, através exclusivamente do uso da escrita, é criado um cenário no qual os alunos aprendem que a sua forma de se expressar e até a sua própria cultura estão se manifestando de forma equivocada. Por isso, é papel da escola mostrar para os estudantes que se deve aprender a variedade escrita para poder usá-la nas situações comunicativas nas quais ela seja necessária, mas ainda, sobretudo, apresentar e trabalhar a variedade oral da língua, isso realça a concepção de língua como ato ou fator de ação e interação social. Diante desta problemática, nosso trabalho tem o objetivo de analisar o tratamento dado à oralidade no Livro Didático de Língua Portuguesa do Novo Ensino Médio.

O livro didático selecionado é intitulado “Práticas de linguagens: múltiplas vozes” de autoria de Melo (2020, et al) da editora Saraiva, o qual faz parte de uma coleção composta por 6 livros autocontidos, pertencentes a área de linguagens e suas tecnologias e compostos pelas trilhas de Artes, Educação Física e Língua Portuguesa. Esse livro foi selecionado de uma escola de rede pública estadual da cidade de Bom Conselho/PE, o qual já estava em uso nas salas desde o ano de

2021. Como suporte teórico, recorreremos a estudiosos como: Labov (2008), Marcuschi (1997, 2001, 2008), Dolz e Schneuwly (2004), Antunes (2003), entre outros.

Para tal, buscaremos verificar ao longo da pesquisa, se o ensino da oralidade está em consonância com as atualizações propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) e se a abordagem dada à oralidade cumpre o papel de legitimar sua importância e combater a supremacia da escrita em detrimento da fala. Assim, espera-se uma reflexão que contribua com a qualidade de ensino de língua materna no ambiente escolar, levando em consideração as necessidades e características reais vivenciadas pelos estudantes.

Nosso trabalho possui, para além desta introdução; uma fundamentação teórica, a qual contém trabalhos de teóricos e pesquisadores que fundamentam nossa pesquisa; também possui uma parte que contempla a metodologia utilizada para o seu desenvolvimento; na parte que cabe às análises, destacaremos os resultados obtidos nas análises do material didático e, por fim, na conclusão, está presente as considerações finais das análises desse material e se houve maiores avanços no ensino da oralidade no livro didático selecionado.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Por entendermos que o livro didático possui uma busca ativa no meio escolar e por ser um instrumento auxiliador do professor em sua prática docente, compreendemos que estes materiais precisam contemplar de igual tratamento as duas modalidades da língua, tanto a escrita quanto a oral e assim, desfazer o equívoco ainda existente de que a oralidade é o local perfeito para o erro e onde se pode fazer e falar tudo de forma desorganizada.

Nesse sentido, Bortini (2014, p.20) respalda que “a oralidade é por excelência, uma atividade localmente construída e muito sujeita às contingências do momento da enunciação”. De fato, sabemos que a comunicação oral é construída, pelos interagentes e ocorre de forma estruturalmente organizada e assim como Marcuschi (1997, p.21) ressalta, a língua sempre ocorre por meio de um contexto, a comunicação está sempre situada e os seus falantes conseguem se comunicar perfeitamente entre si, mesmo estando em regiões diferentes.

Nessa mesma linha de pensamento, Antunes (2003, p.24) aponta que há “uma equivocada visão da fala, como o lugar privilegiado para a violação das regras da gramática”. E ao contrário do que se pensa, a língua está inclusa em práticas discursivas, inserida numa determinada prática social e a oralidade apresenta a mesma dimensão interacional da escrita e da leitura.

Em consonância com Marcuschi, em nossa pesquisa, observamos que Antunes (2003, p.52) reforça que “não existe um padrão único de fala, como não existe um padrão único de escrita”, fazendo-se compreender que dentro do sistema linguístico haverá variação, e que nem a escrita e muito menos a fala se

apresentam de igual maneira em toda a constituição do país. E assim como na fala, há momentos em que a escrita pode acontecer de maneira mais formal ou mais informal.

Dessa forma, refletimos que a inclusão da língua oral na escola deve ser realizada não com o intuito de utilizá-la como forma de valorizar a norma padrão da língua, por meio de regras gramaticais, mas para que possa contribuir, no entendimento da inclusão da língua oral como uma modalidade de comunicação tão importante quanto a escrita no contexto de sala de aula. Segundo Marcuschi (1997, p.23) “ao dedicar-se ao estudo da fala é também uma oportunidade singular para esclarecer aspectos relativos ao preconceito e à discriminação linguística, bem como as suas formas de disseminação”, principalmente em ambientes acadêmicos onde pode-se perceber uma ampla extensão de processos relacionados à variação linguística.

Ainda segundo o pesquisador, “o estudo da oralidade pode mostrar que a fala mantém com a escrita relações mútuas e diferenciadas, influenciando uma a outra nas diversas fases da aquisição da escrita” (Marcuschi, 1997, p.23). Sendo assim, indissociáveis, além de contribuir na formação cultural e na preservação de tradições que não possui a língua escrita e que persistem mesmo em culturas em que a escrita já entrou de forma decisiva.

Nesse sentido, pode-se citar o trabalho de Labov (2008, p.12) no qual aponta que nessas culturas “a língua falada é, muitas vezes, o maior e melhor instrumento que elas têm para se entender, um instrumento capaz de desfazer mal-entendidos causados por um olhar ou gesto”. Dessa forma, o trabalho com a oralidade contribui em riquíssimo conhecimento e fortalecimento dessas culturas, que mesmo não tendo a sua estrutura escrita, proporcionam à sociedade riquezas culturais linguísticas de tamanha importância. Por esse motivo, o educando precisa estar ciente de que não só a língua portuguesa, como todas as línguas do mundo possuem variação linguística, e a noção de um dialeto padrão uniforme é apenas uma noção teórica e não tem nenhum equivalente empírico.

Ainda na intenção de evitar equívocos com relação ao entendimento da língua oral e escrita, Antunes (2003, p. 100) pontua que “tanto a fala quanto a escrita podem variar, podem estar mais planejadas ou menos planejadas, podem estar mais, ou menos, “cuidadas” em relação à norma padrão”. Ou seja, as duas formas são dependentes do contexto de uso e da intenção dos falantes. Logo, é de suma importância incluir trabalhos voltados para o uso da oralidade em sala de aula, para que os alunos possam perceber que há diferentes tipos de ambiente e que a comunicação poderá se dar através de uma fala mais formal ou informal e da importância da adequação de fala diante desses ambientes como já é destacado pela pesquisadora.

Além disso, o trabalho com a oralidade em sala de aula faz com que o educando possa compreender o papel relevante social e de comunicação que a língua oral possui, como podemos observar em Soares (1993):

É a partir do conhecimento do aluno sobre a compreensão das condições sociais e econômicas que explicam o prestígio atribuído à variedade linguística em detrimento de outras, leva o aluno a perceber o lugar que ocupa o seu dialeto nas relações sociais, econômicas e linguísticas. Pois, as variedades devem ser estudadas de modo crítico, analítico e não desprestigiadas ou de forma vulgar (Soares, 1993, p. 78).

Na mesma linha de raciocínio, Marcuschi (2001, p.25) argumenta que a oralidade é considerada uma prática social interativa com intuítos comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais, ela vai desde uma realização em um contexto mais informal a uma mais formal. Aspectos esses que são tratados em livros didáticos e no contexto escolar como violações as regras gramaticais e que não precisam de muito enfoque no ensino de língua portuguesa, pois não possuem importância para serem estudados possuindo coisas mais importantes para se dar importância.

Sendo portanto, a oralidade uma prática comunicativa e de interação humana diária, vale ressaltar que se trata de uma prática recorrente desde o nascimento do ser humano, e que deveria merecer mais atenção das disciplinas escolares, afim de contemplar o verdadeiro objetivo da escola e das propostas e dos documentos de ensino (Marcuschi, 2002, p.25).

Outro aspecto muito visualizado tanto no contexto de sala de aula quanto nos próprios materiais didáticos, é que apesar da existência de trabalhos produzidos voltados para a inclusão da oralidade no ensino em geral, percebe-se que o ensino da língua oral em sala de aula, em sua grande maioria, não caracteriza a realidade dos alunos. A BNCC (2018) define que “Os sistemas de ensino e as escolas devem construir seus currículos suas propostas pedagógicas, considerando as características de sua região, as culturas locais, as necessidades de formação e as demandas e aspirações dos estudantes” (BNCC, 2018, p.471).

Vale destacar que o problema da abordagem da oralidade em sala de aula é influenciado por vários fatores, dentre eles, as escolhas do material didático, a formação do professor, a gestão das escolas, entre outros. Por esse motivo, como define a BNCC (2017):

No Brasil, um país caracterizado pela autonomia dos entes federados, acentuada diversidade cultural e profundas desigualdades sociais, os sistemas e redes de ensino devem construir currículos, e as escolas precisam elaborar propostas pedagógicas que considerem as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes, assim como suas identidades linguísticas, éticas e culturais (BNCC, 2018, p.15).

Por fim, como Marcuschi (1997, p.22) esclarece, o trabalho com a oralidade não se trata de ensinar os alunos a falar, mas sim, de identificar a imensa riqueza e variedade de usos da língua.

Bentes *et al* (2010), seguindo essa mesma linha de pensamento, pontuam que o professor de português deve levar os alunos a refletirem sobre certas manipulações linguísticas, pois a observação contínua, sistêmica e crítica dessas situações levam a compreensão de como os modos de fala poderão ser transformados em recursos de envolvimento conversacional e de estratégias persuasivas para o que se quer passar em situações de conversa com outro ou em apresentação para um público maior.

E assim como podemos observar nos trabalhos desenvolvidos por Dolz e Schneuwly (2011, p.100) e Antunes (2003, p.100), ambos concordam que o trabalho com a oralidade deve ocorrer por meio de gêneros orais específicos, principalmente os gêneros textuais orais públicos, com a finalidade de que também possam ser destacados os pontos formais e funcionais em que os textos orais e escritos apontam diferenças em suas estruturas.

Constamos também que o trabalho através desses gêneros auxilia no entendimento dos alunos, de que a depender do contexto e da intenção o aluno deve se adequar às configurações de produção e de recepção dos eventos comunicativos nos quais estão inseridos. Para Irlandé Antunes isso tem a sua importância, uma vez que:

Saber adequar-se às condições da interação significa ser capaz, por exemplo, de participar cooperativamente, respeitando a vez de fala e de ouvir; de fazer exposições orais sobre temas de interesse do grupo; de argumentar a favor de uma ideia; de dar instruções; de narrar experiências vividas; de descrever com clareza ambientes, pessoas, objetos e fatos; enfim, de ajustar-se à imensa variedade de situações da interação verbal e de saber usar as distintas estratégias argumentativas típicas dos discursos orais (ANTUNES, 2003, p.103).

Com relação a isso, é de grande relevância tanto os materiais didáticos quanto ao professor regente realizar mais atividades em volta desses gêneros orais para que cada vez mais os alunos possam ampliar essas habilidades comunicativas.

Novo Ensino Médio em contexto

Para poder avançar na pesquisa, é de suma importância destacar o que foi a reforma do Novo Ensino Médio e quais mudanças ela acarretou no ensino e principalmente nos materiais didáticos. Em 2016, o Ministério da Educação (MEC) propôs o que tem sido chamado de Reforma do Ensino Médio (REM) ou Novo Ensino Médio (NEM), lançada pela Medida Provisória nº 746, de 22 de setembro de 2016, e depois convertida na Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, com algumas alterações em relação à norma inicial, mantida a essência.

As principais modificações no modelo de ensino foram a ampliação da carga horária, articulada à flexibilização curricular, enaltecendo a possibilidade de escolha do estudante por diferentes itinerários formativos e a redução no número de componentes curriculares obrigatórios (BRASIL, 2018).

Com essas mudanças o Ministério da Educação (MEC) almeja uma escola que

tenha relações com a realidade dos estudantes e que entre outras coisas se baseie nas necessidades de aprendizagem dos alunos. Tendo como objetivo principal assegurar os jovens a aprendizagem de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para poder fazer a nova fase de transição adulta.

O Novo Ensino Médio tinha o prazo de ser implantado nas escolas até o ano de 2022, e isso foi visível na escola na qual o material didático para a utilização dessa pesquisa foi selecionado, pois em 2021 os profissionais de educação já estavam trabalhando com esses novos materiais em sala de aula e também se habituando a essa nova modalidade de ensino.

Com a reforma, também ocorreu mudanças na distribuição da carga horária anual das disciplinas ofertadas no currículo. Assim, de 800 horas anuais passa a ser de 1000 horas anuais, nas quais 60% devem ser dedicadas ao currículo comum e 40% devem ser dedicados aos itinerários formativos de acordo com a (BNCC, 2018).

Ainda nesse sentido, um outro elemento de fundamental importância, interdisciplinaridade, foi um dos pontos de principais mudanças nas áreas de conhecimento, passando a integrar as áreas de Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências e suas Tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, implicando, assim, em mudanças na estrutura dos livros didáticos.

Embora essa nova modalidade tenha uma forte proposta no investimento nas culturas juvenis e no protagonismo dos jovens, acreditamos que a redução da carga horária das disciplinas do currículo comum foi elaborada de forma equivocada e prejudicial para o ensino da língua portuguesa. Além disso, as mudanças nos materiais didáticos também acarretam grande prejuízo ao ensino, uma vez que, durante as análises, observamos que houve uma grande redução nos conteúdos trabalhados no currículo comum nos materiais e também de forma equivocada a divisão dos livros para as três fases do Ensino Médio prejudicando o aprendizado dos alunos.

METODOLOGIA

O nosso trabalho que visa analisar o tratamento atribuído à oralidade no livro de língua portuguesa, foi desenvolvido através de uma pesquisa qualitativa de análise documental.

Segundo Denise Tolfo e Fernanda Peixoto (2009, p.31), a pesquisa qualitativa tem por característica não se preocupar com uma representação numeral, nem há uma submissão da prova de fatos, mas prestará por um aprofundamento da compreensão de um grupo social. Os pesquisadores buscam explicar os motivos das coisas com diferentes abordagens, que sejam capazes de produzir novas informações.

Quanto à pesquisa documental, Gil (2002, p.45) argumenta que essa trata de

“materiais que não recebem um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos de pesquisa”.

Nosso estudo será desenvolvido a partir da utilização de dois livros didáticos selecionados de uma escola pública da rede estadual do município de Bom Conselho, localizada no Agreste de Pernambuco.

Para nossa investigação, o livro selecionado, “Práticas de linguagens: múltiplas vozes”, faz parte de uma coleção composta por 6 livros, os quais são “práticas de linguagens: mundo do trabalho; práticas de linguagens: perspectivas multiculturais; práticas de linguagens: corpo, arte e cultura; práticas de linguagens: ciência, arte e tecnologia e o livro práticas de linguagens: projetos de vida e sociedade” de autoria de Melo Filho (2020, *et al*) da editora Saraiva. O autor Celso de Melo Filho possui formação como bacharel em Música pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU – MG), também é Mestre em Artes, músico, ator, escritor, educador e também é redator da Base Nacional Comum Curricular do Ensino Fundamental.

Todos esses livros fazem parte da área de linguagens e suas tecnologias, os quais são compostos pelas trilhas de educação física, a trilha de Arte e a da Língua Portuguesa, cujo professor utilizará na ordem que melhor se adequar ao seu planejamento e podem ser utilizados nos três níveis de ensino.

Para a confecção e desenvolvimento desta pesquisa, a escolha do livro didático se deu através do acesso a links cedidos pela coordenação da instituição, pois o material didático disponibilizado à escola se encontrava em poucas quantidades, com isso não pode ser efetuado o empréstimo do material para o desenvolvimento da pesquisa. A escolha desse material didático se deu através de uma seleção, através da análise de página por página para detectar quais trabalhavam com a oralidade em seus conteúdos.

ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresenta-se o material analisado e as considerações acerca do tratamento dado à oralidade no livro “Práticas de linguagens: múltiplas vozes” de Melo *et al* (2020).

Práticas de Linguagens: múltiplas vozes (Melo *et al*, 2020)

O livro “Práticas de Linguagens: múltiplas vozes”, da autoria de Melo *et al* (2020) da editora Saraiva, o qual pertence a uma coleção composta por 6 livros autocontidos, práticas de linguagens: mundo do trabalho; práticas de linguagens: perspectivas multiculturais; práticas de linguagens: corpo, arte e cultura; práticas de linguagens: ciência, arte e tecnologia e o livro práticas de linguagens: projetos de vida e sociedade” e que podem ser utilizados na ordem em que for mais adequada ao planejamento dos professores. A coleção também abarca um volume

único de língua Portuguesa, que também faz parte de nosso corpus de análise e cada unidade deste LDLP pode ser relacionada a um dos volumes de linguagens e suas tecnologias, este livro é da autoria de Faraco, Moura e Maruxo Jr. (2020)

Em nossa análise, percebemos que o material didático possui uma estrutura organizada e, em todas as seções do livro, possui uma explicação para que tanto os professores quanto os alunos possam se familiarizar e saber o que vai ser trabalhado em cada uma dessas seções.

Um dos pontos interessantes desse LDLP, é que na abertura do capítulo, é possível conhecer os componentes curriculares e objetivos de aprendizagem, assim como todas as competências gerais, específicos e habilidades da BNCC que serão trabalhadas especificamente em cada unidade. E por se tratar de um material do Novo Ensino Médio (NEM), em cada capítulo haverá duas ou três trilhas dos componentes curriculares de Artes, Educação Física e língua portuguesa, que são os pontos presentes na BNCC como pertencentes à interdisciplinaridade.

Em seguida, os autores apresentam os objetivos do volume, dentre eles, cabe compreender e refletir sobre a diversidade cultural dos entrelaçamentos de manifestações de matrizes indígenas, africanas e europeias no Brasil e na América Latina; relacionar estudos de Linguagens com a área das Ciências Humanas e Sociais, principalmente no que diz respeito às problematizações dos conflitos e das relações de poder; desenvolver semioses verbais, corporais e artísticas, por meio de oficinas culturais, fotorreportagem, playlists comentadas, instalações de artes visuais e da leitura e produção de peças dramáticas e desenvolver o trabalho com as práticas de pesquisa-ação e análise de mídias sociais, respeitando princípios éticos.

Ao nos aprofundarmos na análise desse livro, na parte que concerne ao sumário, notamos que dos 4 capítulos do LDLP, apenas um faz referência à oralidade. Esse, por sua vez, é o penúltimo capítulo do manual e contempla o eixo oral somente ao final da sua composição quando fala sobre a oralidade em diferentes contextos e também com o uso do gênero podcast.

Nesse sentido, Dolz e Schneuwly (2004, p.109) argumentam que o trabalho com gêneros orais proporciona aos alunos o conhecimento de que as línguas se adaptam às situações de comunicação e funcionam de maneira diversificada, além de também proporcionar ao aluno o domínio de sua língua nas situações mais diversas cotidianamente “oferecendo-lhes instrumentos precisos, imediatamente eficazes, para melhorar suas capacidades de escrever e de falar”(DOLZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 104).

Com relação a isso, nos capítulos, podemos analisar que o LDLP, em algumas atividades, faz referência ao trabalho com o oral, quando propõe atividades relacionadas com elaboração de seminários, discussões sobre atividades desenvolvidas e de escuta ativa, entre outros.

No primeiro capítulo apresentado, foi possível perceber que apesar dos autores apresentarem uma pintura chamada “Histórias Afro-atlânticas”, para que

os alunos realizem uma análise e uma discussão sobre o tema em grupos e realizar uma exposição oral quanto às experiências pessoais acerca dos temas trabalhados, podemos notar que há uma representatividade da oralidade, no entanto, sem ter sido feito uma menção específica a esse eixo.

A atividade deve ser elaborada em um espaço, como uma estrutura do gênero mesa redonda e em seguida realizar a escolha de quem vai começar a falar e dar continuação em sentido horário, para que todos os alunos possam ter o seu momento de fala e aqueles que não conseguiram ter o seu momento, devem realizar uma escuta ativa.

Nessa linha de pensamento, quanto à escuta ativa, Antunes (2003) ressalta que é um elemento importante, pois o trabalho nessa perspectiva, está ligada com os papéis sociais vividos por todo interlocutor, em todas as situações comunicativas, e da importância de saber os momentos de colocação de fala. Os alunos precisam saber que o ouvinte de uma conferência não se comporta da mesma forma que em uma conversa em um contexto mais informal.

Então, nesta a atividade, notamos que é apontado um destaque para a oralidade quando os autores propõem a atividade de exposição dos depoimentos de forma oral, e passa uma ideia de que a fala também é organizada e depende do ambiente e do propósito comunicativo.

Assim, entendermos também que todos os indivíduos têm o momento de se colocar e também ouvir o que está sendo discutido no contexto em que ocorre o texto oral, pois no ato de fala não conversamos de forma isolada e com assuntos aleatórios. Com isso, pode-se compreender que, apesar de serem discutidos diversos temas na atividade proposta, os alunos teriam domínio do que estava acontecendo e dariam continuidade a atividade sem que acontecesse problemas de compreensão.

Ao se trabalhar com esses tipos de atividades, os alunos também estarão mais preparados no futuro para serem ótimos debatedores, palestrantes e saberão articular bem as informações que almejam passar. Abaixo, segue a imagem da atividade desenvolvida:

Figura 1 – Atividade sobre pintura

Reúna-se com os colegas e observem os passos a seguir.

1. Façam uma lista dos temas que foram abordados na discussão sobre a pintura.
2. Sentem-se em roda.
3. Escolham quem vai começar a falar e sigam o sentido horário para dar continuidade às falas.
4. Estabeleçam um tempo máximo de fala para cada um: três minutos, por exemplo.
5. O primeiro a falar deve escolher um tema da lista e dar um depoimento pessoal sobre ele, optando por:
 - contar um acontecimento que viveu ou presenciou;
 - dar uma opinião crítica e responsável sobre o tema;
 - propor atitudes e/ou soluções para que todos lidem com o tema de forma democrática e responsável.
6. Quando o primeiro finalizar, deve passar a palavra ao segundo, que seguirá os mesmos procedimentos. Se alguém não se sentir confortável para falar, não há problema: pode acompanhar a atividade apenas praticando a escuta ativa.
7. Assim que todos finalizarem as falas, estabeleçam um tempo para discussão em grupo sobre tudo o que foi dito. Para isso, considerem as seguintes questões:
 - Você ouviu opiniões ou relatos sobre os quais nunca havia pensado antes? Qual foi a sensação?
 - Você acredita que ouvir os colegas pôde ajudá-lo a formar opiniões mais concretas sobre os temas? Por quê?

Fonte: Melo *et al* (2020, p. 17)

Em relação ao que foi mencionado anteriormente, analisamos que em toda a composição do livro, os trabalhos com o eixo oral se apresentam de semelhante forma, com algumas passagens de atividades que requerem uma discussão de opiniões, mas sempre com a escrita ainda presente e dominante nas produções finais de cada capítulo no LDLP.

Um outro ponto que chamou nossa atenção foi o fato de o livro apresentar, neste primeiro capítulo, uma grande variedade de letras de músicas, dança e brincadeiras da cultura brasileira, mas não fez referência à oralidade, estando o foco em análises das músicas de forma escrita.

Observamos que o desenvolvimento da atividade proposta se mostrou mais relacionado à questão da composição da dança, das vestimentas, o movimento do corpo, a dança de roda etc. Como podemos ver abaixo em uma atividade proposta no tópico FICA A DICA, em que é sugerido que se escute e observe a dança – Pontão de cultura do jongo.

Figura 2 – Fica a dica

Observe as fotos das rodas de jongo e, se possível, assista ao vídeo indicado no boxe **Fica a dica**. Depois, converse com os colegas e o professor.

a. O que você percebe em relação às roupas dos jongueiros? São roupas leves, soltas e que se movem acompanhando o movimento de quem dança. Roupas e dança, juntos, compõem a dança.

b. Que sensação lhe causa o movimento na imagem? Resposta pessoal.

c. Será que estar descalço interfere no movimento? Como? É possível movimentar amplamente os pés, não há os limites que os calçados, às vezes, impõem à mobilidade dos pés. Além disso, é possível sentir o chão e entrar em contato com a terra e o solo.

d. Você já assistiu a uma apresentação de dança de roda ou participou dela? Qual? Como foi? Respostas pessoais.

e. Você conhece algum movimento? Mostre-o aos colegas. Respostas pessoais.

Fonte: Melo *et al* (2020, p.25)

Observamos também que quando se apresenta as tradições que se utilizavam da oralidade para expressar a cultura, as propostas contidas no LDLP são relacionadas às tentativas de que os alunos façam reproduções de danças e brincadeiras que uma determinada cultura utilizava, no entanto, mesmo o material destacando a importância dessas culturas orais, percebemos que o objetivo é mais relacionado com a reprodução da dança, como podemos observar na imagem a seguir:

Figura 3 – As batidas do coco

EXPERIMENTAÇÃO AS BATIDAS DO COCO

NÃO ESCREVA NESTE LIVRO.

Nesta atividade, você vai experimentar o ritmo do coco ao som da música “Oh! Sinhá”, de domínio público, interpretada pelo grupo Samba de Coco Raízes de Arcoverde.

- 1) Com os colegas, afaste as carteiras e cadeiras da sala de aula e façam uma grande roda.
- 2) Com o acompanhamento da música tocando o ritmo do coco e/ou dando o ritmo com palmas, você vai marcar o acento forte da música batendo o pé direito à frente do corpo. O objetivo é experimentar o ritmo, bater as palmas das mãos e os pés no chão do seu jeito.
- 3) Experimentem trocar de lugar ou, se preferirem, façam duplas no centro da roda. Estas podem ir trocando à medida que a dança for acontecendo.
- 4) Após a experimentação, responda às questões conversando com os colegas.
 - a. Como foi dançar batendo os pés no chão e a palma das mãos em um grande grupo?
Resposta pessoal.
 - b. Como a dança e a música se relacionaram? *Estavam correlacionadas, nesse caso. O movimento do corpo constrói o ritmo, ao mesmo tempo que acontece a partir da própria música.*
 - c. O que você percebeu com as imagens, os sons e os movimentos realizados? *Resposta pessoal.*
 - d. Anote suas conclusões e o que você já sabe de danças afro-brasileiras no diário de bordo.

Fonte: Melo *et al* (2020, p. 27)

Já no capítulo 3, “Brasil e Brazil”, os autores destacam, inicialmente, que possuem como objetivos para este capítulo, que os alunos leiam e compreendam discursos orais que serão apresentados em um podcast cultural e com isso ele possa identificar os propósitos discursivos e entre outros, para que assim o educando possa produzir uma apreciação crítica em relação ao uso da oralidade tanto no contexto de sala de aula quanto fora dela, ou seja, que esses estudantes possam identificar características próprias da oralidade na sociedade em que convivem.

Logo no início do capítulo, pode-se observar que os autores trazem muitas questões e atividades de análises de letras musicais. No entanto, apesar do livro se basear nas orientações da BNCC, a abordagem da oralidade é realizada de forma resumida e sem grande relevância. Somente na seção de “trilha da língua portuguesa: repertórios e análises” é que o livro explora sobre a questão da língua falada, quando se há uma relação com o podcast.

Os autores propõem uma atividade de escuta de um podcast e após esse procedimento os alunos oralmente irão responder às perguntas sugeridas pela autoria do livro. Pode-se perceber que os autores trazem alguns recursos que remetem à forma de se falar, como por exemplo, modulações na voz, alternâncias de velocidades e ritmos, as marcas da oralidade e, inclusive, faz referência aos diferentes sotaques e marcas próprias que caracterizam uma determinada região do país, como podemos observar a seguir:

Figura 4 – Podcast

específicas deste Manual.

- a. Como é a abertura do *podcast*? Por meio da seleção musical, você consegue antecipar o propósito do programa a ser veiculado?
- b. Geralmente, todo programa conta com uma introdução. Como ela é feita nesse episódio de *podcast*? De que maneira o locutor/apresentador se reporta aos ouvintes?
- c. Como é feita a apresentação dos convidados? O que essa apresentação antecipa sobre a forma de desenvolvimento do programa?
Os convidados, por serem apresentadores de um programa de rádio chamado Deguste Cultura, são apresentados como pessoas habilitadas a ensinar a escuta de música.
- d. Tanto na fala do apresentador quanto na dos convidados, há modulações na voz e alternâncias de velocidade e de ritmo. Descreva brevemente essas marcas de oralidade.
- e. O que as marcas de oralidade nesse início de encontro revelam sobre o tipo de interação que está se dando ali?
Essa velocidade, acompanhada de diferentes modulações da voz, revela empolgação, satisfação com o momento.
- f. Em sua opinião, esse formato se assemelha ao formato adotado em programas de rádio que você já ouviu ou difere dele?

Fonte: Melo *et al* (2020, p. 99)

Nota-se que os autores destacam, a partir dessas questões acima, reflexão e indagação que fazem com que o aluno perceba algumas marcas que caracterizam a língua oral como, modulações na voz, alternâncias de velocidades e de ritmos. Por exemplo, na letra D, ele faz referência objetivamente a esses registros quando pede para que os discentes descrevam as marcas da oralidade que foi possível observar no *podcast* proposto.

Um ponto positivo desse trabalho é que os autores utilizaram o trabalho do gênero de forma satisfatória de acordo com Dolz e Schneuwly (2004), no qual deve-se apresentar um modelo do gênero aos alunos, para que eles possam refletir sobre a sua estrutura e possam perceber o propósito comunicativo do gênero e só após esse procedimento, introduzir o conteúdo do formato do próprio gênero.

Assim, o livro didático faz uma descrição do que é o *podcast* e quais as suas características, onde os autores afirmam que é uma rede mais flexível, na qual há espaço para os mais diversos timbres vocais e há liberdade de uso das mais diversas expressões. O livro também destaca que, ao *podcast* podem ser veiculados diferentes gêneros e cabe ao produtor desses gêneros definir a linguagem mais adequada das partes da gravação. Com relação a esse fato, infere-se que o material aborda a importância da língua se adequar aos diferentes meios de comunicação.

O manual também faz referência à diversidade do país fazendo menção às marcas próprias da língua falada, como a hesitação, assim como é citado no texto “hum”, ou “ééé” para indicar tempo de reflexão, hesitação ou incômodo, outro ponto importante destacado nessa passagem, é o fato dos autores destacarem que essas características próprias da fala não aparecem na forma escrita da língua, e para que isso ocorra os sinais de pontuação são responsáveis por esse processo, a exemplo disso, têm-se o sinal de exclamação, o travessão e entre outros. Os autores também abordam essa diversidade de sotaques, destacando as diferenças nas formas de se pronunciar os r caipira e o r carioca, fazendo entender que a língua é composta por variação. Como pode-se observar na imagem a seguir:

Figura 5 – R caipira

dade se manifestaria? Em primeiro lugar, há marcas que são próprias da língua falada. Considere a gravação de uma entrevista: o entrevistado, ao responder a uma pergunta, poderá emitir algum som de hesitação, como “hum” ou “ééé”, para indicar tempo de reflexão, hesitação ou mesmo incômodo. Na passagem para a escrita, dificilmente essas marcas serão registradas. Se o entrevistador, na transcrição do texto, não descrever essas marcas, não teremos acesso a boa parte das reações do entrevistado. Esse é um exemplo que chama a atenção para a importância de elementos próprios da oralidade como detentores de expressão, de conteúdo.

A oralidade revela também os acentos de uma língua – em outras palavras, seus sotaques. O Brasil é um país muito grande e, entre as regiões, os estados e as cidades, identificamos variações na melodia, na velocidade e na forma de pronunciar uma palavra. Há diferenças, por exemplo, entre o **r** caipira, chamado de **r** retroflexo, e o **r** carioca, chamado de **r** vibrante. Essas variações têm relação direta com a nossa história, caracterizada pela variedade étnica. O **r** retroflexo é herança da dificuldade de alguns grupos indígenas de pronunciarem o **r** da língua trazida pelos portugueses. O **s** com som de **x**, produzido pelos cariocas, chegou ao Brasil com a Coroa portuguesa e ganhou mais força ao misturar-se com dialetos africanos dos escravos.

Fonte: Melo *et al* (2020, p. 101)

Diante de tudo o que foi analisado, apesar do livro apresentar atividades relacionados à oralidade, essas, por sua vez, se apresentam de forma mais aprofundadas somente ao final do livro, quando se é apresentado, principalmente, o gênero podcast. Diante dos 4 capítulos do LDLP, observamos que apenas um faz menção ao desenvolvimento de trabalhos com o eixo oral da língua. Com relação a isso, o material deixa a desejar que se tenha uma maior produtividade com a oralidade, pois, ao desenvolver esses trabalhos nos últimos capítulos do livro, prejudica de forma significativa o desenvolvimento das propostas elaboradas no LDLP, tendo em vista que o professor muitas vezes não possuirá tempo o suficiente para dar encaminhamento as propostas.

Dessa forma, podemos perceber o quanto a escrita ainda é predominante em detrimento do trabalho com a oralidade que permanece, por sua vez, tendo um tratamento de forma superficial no ambiente escolar. Em consonância a esse fato, a BNCC (2018, p.484) propõe como habilidade que o aluno deve “utilizar adequadamente as diversas linguagens em diferentes contextos, valorizando-as como fenômeno social, cultural, histórico, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso” e assim, pode-se compreender que o trabalho com o oral não deve reter-se somente a poucas passagens nos materiais didáticos, mas, também, ter um tratamento de forma específica e valorizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa que teve como objetivo analisar o tratamento dado a oralidade com o suporte da BNCC (2018) no livro didático “Práticas de linguagens: múltiplas vozes” de autoria de Melo (2020, *et al*) da editora Saraiva, observou que, apesar da evolução com a mudança no ensino da língua oral, a escrita ainda permanece como prioridade no ensino de língua Portuguesa.

Apesar de nos comunicarmos oralmente todos os dias, pode-se perceber, através das análises realizadas, que os livros didáticos ainda carecem de uma

maior explanação sobre o eixo oral da língua. Correlacionado a esse fato, apesar do LDLP mencionar a importância do uso da oralidade em sala de aula e incluir os objetivos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) no ensino da oralidade, vemos que o seu desenvolvimento ainda é restrito a pequenas passagens nesse manual.

Assim, como já foi demonstrado nos trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores e pesquisadoras que fundamentam este artigo, entendemos que a oralidade merece um tratamento de fundamental importância tanto quanto a escrita já possui. Dessa forma que os alunos compreendam a língua e seu funcionamento, não como um conjunto de regras e normas imutáveis, mas como um fenômeno marcado pela heterogeneidade e variedade de registros, dialetos, estilizações, respeitando, assim, o fenômeno da variedade linguística, sem preconceitos. Para isso, o livro didático deve ser um suporte que o professor utilizará como auxílio em sala de aula, buscando outros materiais para adequar o ensino-aprendizagem do estudante.

Em suma, nosso trabalho buscou trazer luz ao espaço dado à oralidade no livro de didático e destacar a sua importância que não se restringe somente a situações informais, mas a real manifestação da língua em uma gama de contextos comunicativos e que, nesse sentido, seu tratamento na escola não deve ser feito com o intuito de ensinar a falar, mas sim, de compreender e valorizar todos os contextos sociais de comunicação.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português**: encontros e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BORTINI, Ricardo. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**: coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Editorial Atlas S.A, 2002.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. Português do Brasil: a variação que vemos e a variação que esquecemos: O falado e o escrito. In: ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente**: a língua que estudamos; a língua que falamos. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2021. Cap.4, 180-196. ISBN 978-85-7244-3298-9.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A oralidade e ensino de língua: uma questão pouco falada. In: DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A. (Org.). **O livro didático de português**: múltiplos olhares. Rio de Janeiro: Lucena, 2001. P.39-79.

MELO FILHO, Celso de (*et. al*). **Práticas de linguagens**: múltiplas vozes. 1. Ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2020.

Orality in the New High School textbook: Language Practices multiple voices

Raquel Conceição dos Santos¹
Emanuelle Camila Moraes de Melo Albuquerque Lima²

Abstract

In this research, we aim to analyze how the oral approach is carried out in the New High School textbook, selected from a public school in the city of Bom Conselho/Pernambuco. Therefore, to carry out the research, we selected the textbook from the collection “Language practices: multiple voices” written by Melo (2020, et al) from Saraiva publishing house. Our research is characterized as qualitative, documentary and descriptive analysis. Our theoretical contribution is made based on Marcuschi (1997, 2001, 2008), Dolz and Schneuwly (2004), Antunes (2003), among others. In our analysis, we noticed that the authors mention the importance of using orality in the presentation of the book, including the objectives of the National Common Curricular Base (BNCC), however, in the book analyzed, this treatment is still restricted to small passages, therefore, No aspects inherent to orality were discussed, as well as other characteristics of the language and its variety of registers.

Keywords:

Textbook; New High School; orality